

## QUANDO O AMOR SE TORNAR UMA PRÁTICA DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO COM BELL HOOKS

## CUANDO EL AMOR SE CONVIERTE EN UNA PRÁCTICA DE LIBERTAD: UN DIÁLOGO CON BELL HOOKS

**Pamela Cristiane Sabino**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
sabinopamela15@gmail.com

**Fabiana Aparecida de Carvalho**

Universidade Estadual de Maringá - UEM  
facarvalho@uem.br

### RESUMO

As educações impostas pelos sistemas hegemônicos são descoladas da perspectiva política do afeto e do amor. Com base na acepção de Bell Hooks (2021), do amor como ato político e prática libertadora, o presente trabalho propôs pensar o amor como ato de transformação pessoal e social, na constituição de si como docente, a fim de problematizar as educações que perpetuam as bases dominantes do sistema capitalista e, com isso, obliteram o amor, o cuidado e a empatia com o coletivo e o social. A aproximação com Bell Hooks, pouco convencional no ensino de ciências, impacta na constituição docente e potencializa a/o docente/pesquisadora como ato de liberdade.

**Palavras-chave:** educação libertadora; amor como ato político; Bell Hooks.

**Eixo temático:** 3. Formação docente em Ciências e Biologia.

**Modalidade:** pesquisa acadêmica.

### RESUMEN

Las educaciones impuestas por los sistemas hegemónicos están desvinculadas de la perspectiva política del afecto y el amor. Basándose en la noción de Bell Hooks (2021) del amor como acto político y práctica liberadora, el presente trabajo propone pensar el amor como un acto de transformación personal y social en la constitución de sí mismo como docente, con el fin de problematizar las educaciones que perpetúan las bases dominantes del sistema capitalista y, con ello, obliteran el amor, el cuidado y la empatía con el colectivo y lo social. La aproximación a Bell Hooks, poco convencional en la enseñanza de las ciencias, impacta en la constitución docente y potencia a la docente/investigadora como un acto de libertad.

**Palabras clave:** educación liberadora; el amor como acto político; Bell Hooks.

**Eje temático:** 3. Formación de profesores de ciencias y biología.

**Modalidad:** investigación académica.

## **AMOR COMO ATO POLÍTICO: UMA REFLEXÃO DOCENTE**

O presente trabalho aproxima-se das discussões da feminista negra norte-americana Bell Hooks (2021) sobre a educação como prática de liberdade. Demarca, para tal, algumas perspectivas do amor como engaje social. É também um exercício de reflexão docente e de pesquisa sobre os impactos das políticas educacionais capitalistas. Assim, a escolha desta escrita é posicionada e desloca um questionamento subjetivo – ora esperançoso, ora cansado, porém crítico da escola no modelo atual – o que explica tais escritos em primeira pessoa. Nesse sentido, o que se enuncia é a resistência e a possibilidade de transformação para uma educação libertadora por meio da constituição de si.

Na atualidade, a escolha por educações impostas pelos sistemas hegemônicos são posições descoladas da perspectiva do afeto e do amor – quando lidos como política e transformação. Como professora, entristece-me perceber o meu dia a dia na escola e não ver amor. Quando, por um momento, eu mesma perco a esperança de educar com amor, a aula, nesse dia, simplesmente não acontece, pois não compreendo os/as estudantes, não compreendo a importância do meu educar... não compreendo absolutamente nada. Só vejo cansaço, desesperança, tédio, desamor! Sentimentos causados pelo peso das economias capitalísticas na educação, em que somos levados a maximizar a produtividade e a eficiência técnica, internalizando uma performance de desempenho contínuo que leva à exploração e ao empreendedorismo de si (Han, 2015).

Afinal, questiono-me, às vezes, que tipo de relação empática se estabelece quando a dialogicidade nos processos de ensino convertem em horas-relógio, currículos enrijecidos, competências e habilidades a cumprir, 44 horas semanais, carga horária fragmentada com deslocamento em três ou quatro escolas para receber um salário que pague a sobrevivência das/os docentes, os avanços neoliberais na educação, trabalho, empreendedorismo e outros como linguagens de uma escola esgotada em sua reprodutibilidade social e capital.

Mesmo dominados por sentimentos desagradáveis em um sistema precário, repleto de desamor, que nos força a desesperançar e a vivenciar situações desumanas, Hooks (2021) afirma que, mesmo diante das improbabilidades e desesperanças, o amor continua, e

todos/as anseiam encontrá-lo. Eu e muitos/as de nós desejamos o amor como engaje, mas nos falta coragem para correr os riscos para a verdadeira mudança social, uma vez que a maioria das pessoas, condicionada à economia do mercado e também das relações, leva uma vida normativa, satisfatória e adequada à lógica do sistema hegemônico.

Mas, de qual amor fala Hooks? E onde está o amor engajado na escola? Para responder a estas questões, o presente trabalho está organizado em quatro seções: 1) apresenta a definição de amor por Bell Hooks; 2) aborda a importância de recobrar o amor próprio, pois, sem esse reconhecimento subjetivo, estamos também alienados da mudança; 3) recobra a ética, seguida de outra parte que se alinha à compreensão de coletividade de Hooks; e 4) traz a perspectiva do amor como ato de cura e restauro.

As ideias apresentadas foram construídas por um ensaio técnico, a partir da obra de Hooks, entremeando a minha reflexão como docente e a educação que perpetua as bases dominantes do sistema capitalista. Nesse contexto, possibilita a discussão sobre como o ensino de Ciências/Biologia pode ser mais crítico e transformador; como uma disciplina dita “científica” pode integrar o afeto, o cuidado e a ética; e o amor, como ato político, pode questionar os contextos em que muitas vezes se reproduzem as desigualdades sociais e estruturas de poder.

### **BELL HOOKS: AMOR QUE NÃO SE ALIENA**

De acordo com o minidicionário contemporâneo da língua portuguesa, o Aulete (2011), a definição mais corriqueira de amor é nutrir um sentimento apaixonado por outra pessoa. Tal definição tende a enfatizar o amor romântico, o amor de novela ou filme, o amor das histórias dos contos de fada, narradas a nós desde a infância. Embora haja outras acepções, como *Eros* – amor erótico e do desejo sexual; *Philia* – o amor no sentido empático, de reciprocidade e lealdade; *Agapé* – a doação, o cuidado fraterno, a ideia romantizada, predomina e aliena socialmente ao retirar desse sentimento sua potência de mobilização e mudança.

Para Erich Fromm (*apud* Hooks, 2021, p. 43), amor é “[...] a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou de outra pessoa. Amar é um ato de vontade, isto é, tanto uma intenção quanto ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Nesse contexto, amor não está somente relacionado à paixão, afeição, atração sexual, mas envolve uma escolha política.

Partilhado como ato político e transgressão na transformação social e pessoal, o amor torna-se engajamento (Hooks, 2021). Assim, para engajar-se verdadeiramente, é preciso aprender a misturar várias práticas subjetivas e sociais – cuidado, carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade, compreensão da realidade social, honestidade e comunicação aberta – posturas que nos auxiliam a sobreviver a atos de desamor e ao capitalismo (Hooks, 2021).

Influenciada por Paulo Freire, Hooks (2006; 2021) compreende o amor como um ato político de empatia, baseado no exercício da crítica, da liberdade, do respeito e da capacidade de se comprometer com a transformação e justiça social a partir das relações comunitárias e coletivas que desencadeiam a superação das injustiças e desigualdades sociais.

Intersectando as práticas subjetivas e sociais, há também uma referência espiritual em Hooks, derivada das comunidades afrodescendentes americanas e da compreensão do senso de integração na coletividade para mover interesses pertinentes a um grupo, uma classe social, em termos de direitos e representatividade. Não se trata de religião institucional ou qualquer crença em algo sobrenatural, mas sim, da dimensão mais íntima que não polariza relações com a intenção de inferiorizar ou subalternizar o/a outro/a; também não opõe mente, corpo e espírito, não separa natureza de cultura, indivíduo de sociedade, coletividade de história e compreensão da realidade social e subjetiva (Hooks, 2021). Pensando na dicotomia explícita entre cérebro e coração, reafirmada pelo sistema atual, Pinheiro (2021, p. 64) comenta que

[...] a cultural ocidental é fortemente marcada por dicotomias hierárquicas que apresentam implicitamente noções de avanços e retrocessos... Essas dicotomias impõe a possibilidade de separação entre razão e emoção de modo que vincula, inclusive, estes conceitos a órgãos como se a emoção estivesse vinculada ao coração e a razão ao cérebro, como se o corpo não fosse uno, como se estivesse compartimentos que se responsabilizam por guardar estímulos humanos distintos.

Logo, o coração que “sente” é o mesmo que “pensa”. Assim, as pessoas desse coletivo agem em sincronia e por pensamentos e sentimentos pautados em união (Pinheiro, 2021). Hoje, refletindo sobre a não separação dessas dimensões como um corpo subjetivo e social, compreendo minha atuação docente e meu lugar social de professora mulher cisgênera, branca, organizada, questionadora, reflexiva na sua prática, às vezes (quase

sempre) sistemática, chorona, preocupada com o bem-estar dos/as estudantes. Posso dizer que amo vivenciar novas experiências na escola, pois assim vejo meu corpo sendo também constituído como pessoa sonhadora, resistente e resiliente por uma prática de educação libertadora.

Ao pensar na definição de amor como ato político, poderiam ser compartilhadas estratégias que nos ajudariam a nos tornar mais amorosos, encorajar todos/as a não se adaptar às circunstâncias nas quais faltam a dimensão desse amor transformador (Hooks, 2021). Tanto para Paulo Freire (2023) como para Hooks (2006; 2021), educar é mais que transmitir conhecimento e reproduzir uma educação bancária: educar com amor é estabelecer a relação dialógica, empática e de respeito com os/as estudantes e comunidade, importando-se profundamente com o desenvolvimento emocional, social e político empenhados na práxis social, na justiça e na transformação da sociedade. Assim, o educar como uma ação possibilita planejar estratégias para espalhar o amor em nossos diálogos, como práticas sociais que impulsionam o florescer da coletividade e do bem comum (Hooks, 2021).

De acordo com Hooks (2006), começa-se a amar quando há uma educação para a consciência crítica, central como prática de liberdade. Atrevemo-nos a interrogar criticamente nossas posições, descobrimos em nós mesmos/as o auto-ódio, a baixa estima, os preconceitos e os enfrentamos para começar a mudança e reconhecer a verdade da nossa realidade tanto individual como coletiva.

Se amar e termos consciência crítica são escolhas não alienadas à realidade social, ao escolher o amor político, posicionamo-nos contra os valores do sistema de opressão e dominação. Esse contexto envolve a capacidade de amar a si mesmo e ao outro, haja vista que questionar a visão de amor como negócio implica em criar a perspectiva de valores humanos e em desvalorizar o material ou as táticas de mercantilização na educação (Hooks, 2006). Isso posto, eu reflito: onde está o amor na escola?

Apesar da cultura de dominação e do antiamor, do empobrecimento da nossa vida emocional e sensorial, da falta de respeito e de compromisso, do esgotamento, da insistência do mundo egocêntrico, da desvalorização da profissão docente, o amor político prevalece em mim. Ele está nas minhas práticas pedagógicas de resistência contra o sistema hegemônico e normativo, na (des)organização curricular no dia a dia da escola,

na minha práxis reflexiva e crítica reinventando-me a todo momento, na organização de docentes, estudantes e comunidades com ações junto a movimentos sociais para entender e conhecer suas lutas.

Logo, é preciso amor e ética para superar os sistemas de dominação, tendo a capacidade de reconhecer a natureza conectada e interconectada dos sistemas de dominação – imperialismo, sexismo, machismo, classicismo, racismo, homofobia, exploração, transfobia e muitos outros –, pois quando expandimos nossa preocupação sobre políticas de dominação e nos preocupamos com a opressão e exploração do/a outro/a, o movimento de transformação começa a acontecer (Hooks, 2006).

## AMOR COM ÉTICA

E o que é a ética do amor? Como amar com ética?

Segundo Hooks (2021), uma ética amorosa pressupõe que todos/as têm de ser livres, devem viver bem e plenamente. A liberdade é o sentido da emancipação e da autonomia. E, ao escolher amar, pode-se alterar a própria vida para honrar o privilégio da ética amorosa na sociedade mais inclusiva (Hooks, 2021).

Mas há ética do amor na escola? Se a ética pressupõe o direito de ser livre, que liberdade tenho na escola? Sobre qual liberdade Hooks comenta? Ao pensar nessas questões, pode-se dizer que a liberdade é um projeto a ser conquistado numa escola plural, com práticas subjetivas e sociais, ao compartilhar momentos de responsabilidade e compromisso, respeito, honestidade, carinho, afeição –mesmo não conseguindo mudar o sistema – poder tentar disseminar o amor político aos estudantes. No entanto, como professora, sei como é difícil viver na ética amorosa na escola! Como exemplo, explico minhas reclamações e críticas sobre o novo ensino médio, que tendem, justamente, a sufocar a lógica da ética, reduzindo a escola a uma correia de transmissão do sistema. Como não se indignar com a imposição da redução da carga horária das disciplinas, a complementação dessa mesma carga com aulas não presenciais, a inclusão das disciplinas eletivas desconexas da realidade do/a estudante, a ênfase nas competências e habilidades sem preocupação com o conhecimento do/a estudante e do contexto da realidade social, a solicitação de planejamento por áreas com o pouco tempo horas atividades, a ausência de termos nas políticas públicas que implicam numa práxis social docente com menos dialogicidade?

Além dessas situações na organização escolar, há também as condições sociais que achatam a profissão e o desejo de exercê-la por futuros/as docentes. Pesa, ainda, o fato de a maioria de nós não termos um salário digno que precisamos e merecemos.

Nesse viver com ética, a valorização da profissão também prescinde das lutas por salários dignos que incentivem a formação docente, o engajamento social, as conquistas profissionais, a carga horária justa de trabalho, para que tais expressões de direito também estejam agregadas à valorização e ao bem-estar dos/as estudantes. Nesse contexto, Hooks (2021) afirma que existe uma distância entre os valores que dizem defender e sua disposição de fazer o trabalho necessário para conectar pensamento e ação, teoria e prática, para criar uma sociedade mais justa.

Escolher a ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor (cuidado, compromisso, confiança, honestidade, responsabilidade, respeito e conhecimento) – no nosso dia a dia. No entanto, como teço nesta escrita, não se trata de um amor alienado ou de simplesmente pensar que só nos tornamos docentes por amor à profissão, perpetuando este nas relações de cuidado impostas, principalmente, às professoras mulheres. Somente seremos bem sucedidos/as ao cultivar a consciência de classe e de transformação social (Hooks, 2021).

De acordo com Hooks (2021), estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos circular carinho, sermos responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Porém, questiono-me sobre o quão difícil é estar consciente nessa escola do cansaço, que apresenta maior ênfase na eficiência, na competitividade e no individualismo que na educação para as relações interpessoais. Segundo Han (2015), essa cultura cria ambientes onde o descanso, a contemplação e a amizade são desvalorizados, levando-nos ao cansaço crônico.

Para mudar essa práxis, é preciso transformar radicalmente a escola. Porém, há o medo. Sentimento não abstrato, mas algo concreto. Há a manifestação de estarmos vivos! Para Hooks (2021), não devemos esconder nossos temores e não podemos permitir que o medo seja injustificado e nos imobilize (Shor; Freire, 1986). Outrossim, na medida em que me reconheço como educadora, sou política e entendo melhor as razões pelas quais tenho medo, pois, pôr em prática uma educação que provoca a criticidade e consciências dos/as

estudantes trabalha contra mitos deformadores de uma sociedade dominante e capitalista (Shor; Freire, 1986). E, obviamente, não interessa ao opressor nos encorajar a confrontar o medo do amor, afinal, adotar uma ética amorosa seria ser contra as políticas públicas conservadoras (Hooks, 2021). Assim, há um esforço do capital para manter as coisas como elas são, para não modificar a realidade docente, trazendo o medo da mudança como um sistema de opressão contínuo. Todavia, o medo que temos do amor precisa ser encarado se pretendemos reivindicar uma ética amorosa que possa nos inspirar e nos dar coragem para fazer as mudanças necessárias (Hooks, 2021).

Em qualquer situação social na qual prevaleça a ética amorosa, a dominação não consegue se perpetuar. E o contrário: onde o desejo do poder predomina, o amor está ausente. A preocupação ao bem coletivo baseada em valores amorosos faz com que busquemos nutrir e proteger esse bem (Hooks, 2021).

Para vivermos com base nos princípios de uma ética amorosa, demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar, precisamos ser corajosos e aprender como encarar nossos medos (Hooks, 2021). Aqueles que escolhem a ética do amor permitem que ela governe e oriente as nossas ações e pensamento, deixa a nossa luz brilhar. Afinal, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm a sua chama acesa (Hooks, 2021).

## **AMOR COMO PRÓPRIO**

Se amar é uma escolha, e começar com amor é o fundamento ético para a política, estaremos mais bem posicionados/as para transformar a sociedade de maneira a melhorar o bem coletivo (Hooks, 2006). Mas, questiono-me se o/a docente tem a escolha de amar. Conforme Hooks (2006), muitas vezes, há pessoas consumidas por sentimentos de auto-ódio e que se sentem sem valor, querendo uma saída fácil e alienada da situação. Essas estão presas por um desespero paralisante e não são capazes de se engajar efetivamente em qualquer movimento de mudança social.

A intensidade de nossos ferimentos frequentemente nos leva a fechar nosso coração, tornando impossível retribuirmos ou recebermos o amor que nos é dado. Segundo Hooks (2021), para abrirmos nosso coração mais plenamente para o poder e a graça do amor, devemos ousar reconhecer quão pouco sabemos sobre ele na teoria e na prática (Hooks,

2021). Nesse contexto, em alguns momentos, o sistema opressor da escola fecha meu coração e me faz sentir desmotivada, cansada, desesperançosa, desvalorizada, infeliz, sem interesse e doente mentalmente/fisicamente, pois somos paralisados por uma rotina e formações para consumir o auto-ódio e ser indignos/as do amor, tais como: local estressante e desumanizante que corrói o amor-próprio (Hooks, 2021). Todo esse ambiente não é moldado na ética do amor, mas numa relação com uma escola hegemônica e normativa, com os currículos técnicos, ou seja, com os efeitos do capitalismo e de um sistema dominante.

Hooks (2021) novamente alerta: fazer um trabalho que não amamos ataca nossa autoestima e autoconfiança. No entanto, podemos nos comprometer com o trabalho que temos e encontrar satisfação. Isso suscita o sentimento de bem estar espiritual, fortalece a nossa capacidade de amar, mantém a autoestima intacta. e, quando trabalhamos com amor, criamos um ambiente de trabalho amoroso.

Assim, trazer o amor para a escola pode criar a transformação necessária para o/a docente expressar o seu melhor. Ainda, ao trabalhar com amor, renovamos o nosso espírito. Essa renovação é um ato de amor-próprio que alimenta o nosso crescimento, Hooks (2021) ainda complementa: “Não é o que você faz, mas como faz.” Logo, segundo seus pressupostos, o amor-próprio é a base da nossa prática amorosa e sem ele nossos outros esforços amorosos falham. Ao nos dar amor, concedemos a oportunidade de ter o amor incondicional, fundamento para a aceitação e a afirmação, e somos capazes de alcançar os outros a partir de um lugar de satisfação e não da falta (Hooks, 2021).

## **AMOR NAS REDES DE APOIO**

Escolhendo o amor, também escolhemos viver em comunidade. Isso não significa mudar somente por nós, mas contar com a afirmação crítica e o diálogo de amigos/amigas ou colegas percorrendo o mesmo trajeto (Hooks, 2006). Ao escolher amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão, movemo-nos para a liberdade, para agir de maneiras a fim de nos libertar. Esse é o amor como prática de liberdade (Hooks, 2006).

Assim, é também importante o fazer com, isto é, criar parcerias, partilhas, pois comunidades alimentam a vida e não há melhor lugar para se aprender a arte do amor que as relações comunitárias (Hooks, 2021). Mas, se não experimentamos o amor em nossas

famílias de origem, o outro âmbito para construir uma comunidade e conhecer o amor é o nó da amizade (Hooks, 2021). Nesse ínterim, considera-se a importância das redes na construção do apoio, do cuidado, do amor como ato político.

A amizade é comentada por Hooks (2021, p. 144-145):

[...] amizades amorosas nos dão espaço para experimentarmos a alegria da comunidade num relacionamento em que aprendemos a processar todos os nossos problemas, a lidar com as diferenças e conflitos quando nos mantemos vinculados...Na amizade, podemos ouvir comentários honestos e críticos. Nós confiamos que um amigo verdadeiro deseja o nosso bem.

Amizades amorosas eu encontrei: convivo com pessoas amáveis, carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta. Ao longo do meu caminho na escola, encontrei pessoas com conexões significativas e pude experimentar a alegria, os sorrisos, como também compartilhar os problemas e as angústias para repensarmos e lutarmos por educar com amor.

Segundo Hooks (2021), quando vemos o desejo de alimentar o próprio crescimento espiritual ou o de alguém, demonstrado por gestos de carinho, respeito, conhecimento e responsabilidade, a base de todo o amor em nossa vida é a mesma. Apesar de nos comportarmos diferentemente, dependendo da natureza da relação, os valores que orientam nosso comportamento, quando baseados numa ética amorosa, são sempre os mesmos para cada interação (Hooks, 2021).

Mesmo machucados e sofridos na escola, o amor cura, e podemos abrir nosso coração como se tivéssemos nascidos novamente, sem esquecer o passado, mas olhando com uma nova perspectiva (Hooks, 2021). Crescer profissionalmente é o processo de aprender a assumir a responsabilidade pelo que está a acontecer, e escolher crescer é abraçar um amor que cura (Hooks, 2021).

### **AMOR COMO CURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Mas como nos curar na escola? Segundo Hooks (2021), não podíamos escolher a cura porque não tínhamos a certeza de que poderíamos ser reparados das opressões e imposições sociais, de que os pedaços partidos pudessem ser colados.

Se, por um lado, vejo a omissão ou a alienação com a pseudodesculpa de que está tudo bem, ou mesmo as situações relacionadas à prática docente que contribuem para a

manutenção do *status quo* e dos efeitos do capitalismo em nossos corpos e práticas, por outro, estou ciente de que fingir pode confortar no imediato. Porém, esse consolo tanto não prevalece quanto é, geralmente, sucedido por depressão e lutos avassaladores (Hooks, 2021). Quantos/as colegas estão consolados/as? Quantos não conseguem mais suportar o sistema e as pressões, vivenciando a depressão e a tristeza, perdendo o bem-estar e o amor-próprio?

Mas o mundo que nos envolve, se desejamos a mudança e uma educação contra hegemônica, não nos permite desistir. Isso não quer dizer que temos a responsabilidade de sempre “dar conta” de tudo ou superar as falhas sistêmicas na educação brasileira. Quem foi que disse que, afinal, os/as docentes precisam “dar um jeito” em toda a escola, independentemente das condições em que estamos vivendo? Nesse quesito, também precisamos fazer escolhas por nos salvar. Ser autoindulgente não significa abdicar de apoio para com os problemas e as dificuldades, mas sim, reposicionar a responsabilidade por nosso bem-estar, compreender os sofrimentos psíquicos decorrentes do capitalismo e abrir o coração para as redes de apoio escolares, possibilitando também a compreensão sistêmica de que a cura passa por compreender o mal estar da civilização e da sociedade (Hooks, 2021). Essa escolha não é somente o “eu”, independente da extensão do amor-próprio, mas da vida coletiva no amor com os outros, que é mais passível de ser realizada (Hooks, 2021).

E o quanto o sistema hegemônico nos mantém distantes do coletivo na escola, isso me entristece. A cultura do individualismo nos rodeia, e escolhemos estar sozinhos, seja no planejamento de uma atividade para a aula ou até mesmo nos intervalos, desconhecendo as angústias dos/as colegas enquanto se toma café ou se almoça com fone de ouvido e celular, ratificando, assim, uma cultura do individualismo imposta pela sociedade normativa e capitalista.

Às vezes, podemos entender que não nos afeta essa individualidade no coletivo, mas, será que não? Será que incentivar o “estudante destaque” não é evidenciar a cultura do individual? Aqui, vejo a meritocracia evidenciando apenas uma pessoa. Isso está baseado na ideia de mérito, genialidade ou esforço próprio, desconsiderando a rede de apoio, a coletividade, os obstáculos estruturais, ou, até mesmo, as inteligências diversas. Será que uma simples avaliação individual, sem consulta, não é evidenciar a cultura do ganho

individual? Ou, simplesmente, os/as estudantes sentados em carteiras enfileiradas e sozinhos/as também não é evidenciar a cultura do individualismo?

Embora as respostas sejam complexas e devam levar em consideração o sistema educacional, as ideologias dessa organização, a formação docente e a crítica ao caráter reprodutivo da escola hegemônica, questiono-me se esse desamor (entendido aqui como uma ruptura com o compromisso de transformação social), a falta do amor-próprio, o individualismo, a afirmação de si como empoderamento, o desincentivo ao bem-estar e a perspectiva meritocrática, não tenham, em algum momento, obstruídos as mudanças significativas na escola e para a visão coletiva do amor e da empatia.

Hooks (2021, p. 212) nos lembra de que não podemos desesperançar diante de todas as circunstâncias vivenciadas seja no âmbito escolar ou em qualquer outro lugar:

Apesar de todo o desamor que nos cerca, nada tem sido capaz de bloquear nosso desejo pelo amor, a intensidade do nosso anseio. A compreensão de que o amor redime parece ser um aspecto resiliente do saber do coração. O poder curativo do amor redentor nos atrai e nos convoca a possibilidade em direção à possibilidade de cura [...]. Sem esperança não podemos regressar ao amor... a esperança nos dá uma razão para seguir adiante. É uma prática do pensamento positivo.

A prática coletiva de amar é a força curativa que nos traz paz duradoura, que transforma e supera o medo. Inspirada em Hooks (2006; 2021) e Paulo Freire (2023), afirmo: o amor na educação tem um poderoso potencial libertador; e o trabalho docente e o prazer na sala de aula causam-me entusiasmo e me impulsionam a transgredir. Transgredir para movimentar além das fronteiras e transformar a educação na prática da liberdade. Mas, também, meu prazer de ensinar é um ato de resistência, e se há resistência há insistência. E, por isso, continuarei a sonhar, resistir, insistir e escolher a amar para educar, libertar e transformar a realidade social.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Vozes, 2015.

HOOKS, Bell. Love as the practice of freedom. In: HOOKS, Bell. **Outlaw culture:**

representations. Nova Iorque: Routledge, 2006. p. 2043-205.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **História preta das coisas**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.